

Fotojornalismo: Uma análise fotográfica do caderno especial *Zika Vírus* no Jornal Diário de Pernambuco¹

Jacira FELIX²
Andressa SILVA³
Danilo ARAÚJO⁴
Cecilio BASTOS⁵

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo examinar as fotografias veiculadas no caderno especial *zika vírus uma ameaça mundial* do Jornal *Diário de Pernambuco*, publicadas no mês de fevereiro de 2016. Sabendo que tem o poder de marcar os significados e de traduzir novas significações, a fotografia é o elemento chave nesta análise. Utilizamos como marco teórico de fotografia Boris Kossoy (1999; 2007) e Jorge Pedro Sousa (2002). Através de reflexões sobre a construção, os signos e os recursos técnicos, percebemos narrativas semelhantes e opostas acerca da mesma temática. Algumas fotos representam a realidade das famílias, outras a distorcem e reforçam estereótipos.

PALAVRAS-CHAVE: Fotojornalismo; Diário de Pernambuco, construção da realidade; *zika vírus*.

INTRODUÇÃO

Desde o seu surgimento, a fotografia despertou o fascínio das pessoas que a observavam e até das que a criaram. No seu contexto histórico passou por diferentes significados: a demonização, atribuindo-a como sugadora de alma, ou finalizadora da pintura; idolatria, como uma nova forma de arte, na qual retrai uma fração da realidade.

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios da DCHIII-UNEB, email: jacirafelix@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios da DCHIII-UNEB, email: andressacsilva@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios da DCHIII-UNEB, email: dbsadanilo@gmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da DCH-III-UNEB, email: cecilioricardo@gmail.com

A fotografia contemporânea vem ganhando diferentes espaços e significados. Diante disso, se faz necessário refletir sobre ela para entender sua trajetória e como se configura atualmente. As fronteiras que a consolidaram estão sendo rompidas. Seu objetivo está sendo reavaliado e repensado. Agora inserida em contextos híbridos e mutáveis da sociedade contemporânea, a dissolução do que vem a ser fotografia está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas.

O ato de fotografar é cada vez mais frequente e, conseqüentemente sua veiculação alcança rapidamente as massas. Essa constante de informações é recebida, na maioria das vezes, sem que haja reflexão e investigação sobre o que foi fotografado. Com isso, é fácil manter a credibilidade do público, que aprovará as fotografias mais pela sua estética do que pelo significado e veracidade dos fatos. Nessa perspectiva, a fotografia

ao mesmo tempo em que tem preservado as referências e as lembranças do indivíduo, documentado os feitos cotidianos dos homens e das sociedades em suas múltiplas ações, fixando, enfim, a memória histórica, ela também se prestou – e se presta – aos mais interesseiros e dirigidos usos ideológicos. O papel cultural das imagens é decisivo, assim como decisivas são as palavras. As imagens estão diretamente relacionadas ao universo das mentalidades e sua importância cultural e histórica reside nas intenções, usos e finalidades que permeiam sua produção e trajetória. (KOSSOY, 2007, p.31-32)

Várias leituras podem ser feitas através das fotografias. Essa compreensão possibilita uma investigação superficial das fotografias presentes nesse caderno. Listamos, pois, elementos que comprovam a construção, a manipulação, ou quaisquer características contidas nas imagens que gerem compreensão ou apresente conflitos.

METODOLOGIA

Neste trabalho analisamos um conjunto de 21 fotografias veiculadas no caderno especial *Zika vírus uma ameaça mundial*, publicadas pelo jornal *Diário de Pernambuco*, disponibilizado em 29/02/2016. As fotografias pertencem aos fotojornalistas: Paulo Paiva, Rafael Martins e Vinícius Danadai. As análises estão separadas de acordo à autoria das imagens, visando ao leitor concentrar a reflexão sobre o olhar de cada fotógrafo.

Jocélia VITACHI (2009) discute em seu ensaio que: "o registro fotográfico é considerado um artefato visual que contém uma fração da realidade [...]" (VITACHI, 2009

p. 1422). Dessa maneira, pensar na verossimilhança do real é pensar nas modificações históricas.

Com a consolidação da fotografia, o fotojornalismo foi se estruturando e rompendo com a atribuição de ilustração para compor a categoria “expressar conteúdo”, tão importante quanto à escrita (SOUSA, 2002 p.13). São utilizadas a fim de traduzir e “potencializar a problematização acerca dos diversos aspectos e abordagens que envolvem tal prática”. (AZOUBEL, 2015, p.1)

Segundo Jorge Sousa (2002), “O fotojornalismo é, na realidade, uma atividade sem fronteiras claramente delimitadas.” (SOUSA, 2002 p.7). “De qualquer modo, como nos restantes tipos de jornalismo, a finalidade primeira do fotojornalismo, entendido de uma forma lata, é informar”. (SOUSA, 2002 p.7)

Pensar nessa informação é pensar em uma narrativa através dos usos da imagem. Uma linguagem única, em que cada fotografia contará sua história. É a representação da produção de sentido. Vale ressaltar que para informar o fotojornalismo “recorre à conciliação de fotografias e textos”. (SOUSA, 2002, p.9)

As mudanças técnicas provocaram o modo de se fazer e pensar o fotojornalismo. Se por um lado, a diminuição do tamanho das câmeras e objetivas luminosas possibilitou a produção de imagens espontâneas (SOUSA, 2002), por outro, algumas mudanças proporcionaram o engessamento do fazer fotografia, como a criação de manuais, Price (1932), o de Pouncey (1946) e o de Kinkaid (1936), (SOUSA, 2002).

Essas, mudanças, além de ter ocorrido na Europa, também ocorreram na América “todavia, que na América surgem também fotojornalistas que cultivam abordagens próprias do real, como Weegee.” (SOUSA, 2002), “Além desses fatores, é de referir que a industrialização crescente da imprensa e a ânsia do lucro fizeram estender ao fotojornalismo o ideal da objetividade (Ledo Andiön, 1988) face a um mundo em que os factos eram merecedores de desconfiança (Schudson, 1988).” (SOUSA, 2002 p.21).

Nesse sentido buscamos analisar o trabalho fotojornalístico dos fotógrafos já citados no corpo deste trabalho, publicadas no caderno especial do Diário de Pernambuco, cujo tema permeia o assunto, *Zika Vírus*.

1.0 Histórico do jornal

Fundado em 07 de novembro de 1825 pelo tipógrafo Antônio José de Miranda Falcão, o jornal Diário de Pernambuco carrega a responsabilidade de ser o jornal mais

antigo em circulação na América Latina. As informações eram trazidas pelos passageiros de embarcações que aportavam no Recife e tinha como objetivo a veiculação de anúncios e serviços trazidos pela população, como a carta do Imperador do Brasil, Dom João VI. (DIARIO DE PERNAMBUCO)

Em 1835, o jornal foi vendido à Tipografia Pinheiro & Faria, assumido por Manoel Figueroa. Com uma nova linha, o Diario buscou seguir a mesmo modelo de publicação que circulavam na corte. Já em 1901, passou a ser assumido pelo conselheiro Rosa e Silva, o vice-presidente República Federativa do Brasil. O Jornal ganhou novo fôlego sob a direção de Chateaubriand e ao se unir ao grupo dos Diários Associados em 1931. (DIARIO DE PERNAMBUCO)

Ao longo dos seus quase dois séculos o jornal vem se modificando, mas não perdendo o seu objetivo principal, prestar serviço à população. Hoje o jornal se encontra na Rua do Veiga, nº 600, Santo Amaro em Recife – PE, com presidência de Alexandre Rands. É dividido em 12 eixos principais: Editores Executivos, Primeira Página, Local, Economia, Lugar Certo/Diarinho, Superesportes, Política/Brasil/Mundo, Arte/Diagramação, Viver/Divirta-se, Fotografia, Vrum, Colunistas. (DIARIO DE PERNAMBUCO)

Além das publicações no jornal impresso, o jornal trabalha com diferentes multimídias, como internet: diariodepernambuco.com.br e pernambuco.com e também nas redes sociais: <<https://www.facebook.com/jornaldiariodepernambuco/?fref=ts>>. Também conta com representações comerciais: Brasília, Goiânia-GO, Rio de Janeiro e São Paulo. (DIARIO DE PERNAMBUCO)

2.0 Análise fotográfica

Em relação às técnicas fotográficas, observamos a composição das narrativas: enquadramentos, planos fotográficos, ângulos, direcionando nossas percepções ao olhar de cada fotojornalista e as significações que cada foto contém.

2.1 Paulo Paiva

Ao olhar a foto da capa (imagem 01) sem a legenda, o receptor poderia ter múltiplas interpretações sobre o conteúdo do jornal. Os ícones presentes, inclusive o mandacaru, em primeiro plano, criam um cenário que a primeira observação pode ser associada à seca, à vivência no nordeste, ou a qualquer outra possibilidade que envolva a região. Mesmo que

duas pessoas apareçam, e elas tenham uma função nesse contexto, é a paisagem que se sobressai. Somente se lembrasse do surto *zika vírus*, o receptor poderia relacionar a foto ao assunto. Por isso é “necessário que se compreenda o papel da cultura da fotografia: o seu poderio de informação e desinformação, sua capacidade de emocionar e transformar, de denunciar e manipular”. (KOSSOY, 2007, p. 31)



Figura 1: Fotografia de capa. Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.

A relação de afeto entre duas famílias estão expressas na segunda e terceira fotografias. Na primeira, Poliana, mãe de três crianças enfrenta novos desafios com o nascimento da filha que tem microcefalia. O fotógrafo consegue captar, nela, a pureza do irmão e a expressão de uma mulher que ainda está em processo de aceitação. Na outra, José Pedro, pai de uma criança com a mesma característica, demonstra o cuidado com a filha. Ambas contém ícones, percebidos na simplicidade da casa de Poliana e um dos cenários no qual José trabalha a fim de conectar a foto ao texto, que aborda a economia e educação como fatores que influenciam no entendimento da anomalia.



Figura 2: Poliana terá que dividir agora a atenção e recursos entre os três filhos; a mais nova pode ser especial. Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.

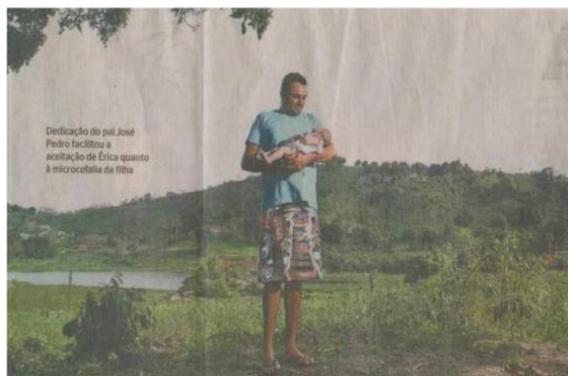


Figura 3: Dedicado pai José Pedro facilitou a aceitação de Érica quanto à microcefalia da filha. Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.

A foto quatro é pousada e marcada pelos estereótipos da seca. Descumpra a intenção de demonstrar a preocupação da grávida em ter uma criança com microcefalia, uma vez que a atenção de quem observa não se direciona somente à mulher, mas ao conjunto entre ela e o local em que está. Ainda que a epidemia tenha ocorrido fortemente no nordeste, o fotógrafo focou na mulher, principal elemento que representa essa angústia.

A quinta fotografia é um retrato que representa um personagem que enfrentou a síndrome de Guillain-Barré.



Figura 4: O clima por trás da caatinga – Nas propriedades rurais ou capitais. O temor toma conta da maioria das grávidas, como Jacinete. Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.



Figura 5: “A boca ficou troncha e as pernas paralisadas”.
Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.



Figura 6: No Brasil mais seco – No bairro do Planalto em São José do Egito, idosos, grávidas, crianças e adultos disputavam água em reservatórios improvisados. O caos pode voltar a depender da seca. Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.

Na imagem seis os baldes vazios, o reservatório de água e o elemento humano indiciam uma situação enfrentada em algumas regiões, inclusive no nordeste. A falta de água obriga as pessoas a armazenarem água em casa, que, se feito incorretamente, favorece a proliferação do mosquito, além de o clima também favorecer as doenças. Essa é uma foto condizente com o texto e que, além dessa representação, o fotojornalista conseguiu um trocadilho através da expressão Lava Jato. No local em que a foto foi tirada desempenha a função de limpeza de automóveis, mas, no contexto da foto diz respeito à operação que investiga a corrupção e desvio de dinheiro no país, fazendo relação à precariedade no modelo de gestão nos serviços de saneamento e racionamento de água.



Figura 7: Uma semana após se internar supostamente por ser picado por um mosquito, seu Edgar foi enterrado pela família. Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.

A dor de uma família está expressa na sétima fotografia. As expressões faciais não estão muito nítidas, mas transparecem uma ideia de pesar e sofrimento.



Figura 8: No Brasil mais seco – Moradora numa casa simples da zona rural, Lourdes Souza Ferreira sobrevive com o marido e três filhos e resiste a acreditar que a bebê Nayara tenha má-formação cerebral. Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.

O fotógrafo se aproxima do objeto na foto oito, tendo a oportunidade de facilitar a compreensão, uma vez que dá para perceber que a anomalia da criança. No entanto, a paisagem ainda é marcante. O ângulo, da direita para a esquerda nos permite olhar para as pessoas e depois ir diretamente à paisagem. Outra característica importante é o sorriso da personagem que não está em harmonia com a legenda: “Uma mãe e sua dor”.

O fotógrafo poderia ter conduzido a fotografada a fazer outra expressão facial. Já que é uma foto posada, caberia a ele, dirigir o seu ensaio de modo que texto e imagem interagissem, uma vez que

não deixamos de considerar nesse percurso teórico as surpresas que advém da paralisação fotográfica da ação, do gesto e que não podem ser previstas nem controladas precisamente; mas que podem, no entanto, ser exploradas criativamente, abrindo espaço para novas manipulações estéticas/ideológicas. (KOSSOY, 1999,p.34)

2.2 Rafael Martins

A primeira imagem abre a série das sete fotografias de Rafael Martins, prestador de serviço do jornal Diário de Pernambuco. A fotografia ilustra uma matéria que relata a história de mães que têm filhos com microcefalia e como as famílias lidam com esses casos. Entretanto, a forma como foi construída destoa do contexto. A personagem principal é “engolida” por outros elementos, a parede, por exemplo, está mais evidente do que a mãe que se prepara para receber o filho. Nesse aspecto, cabe a análise da teoria do enquadramento embasada na regra dos terços, cuja foto não segue. Outro ponto de interferência é o espaço dado à parte externa do cenário que desordena e desequilibra a foto. O segundo elemento humano presente na foto ganha destaque, sendo que aparentemente, não há nenhuma ligação com o conteúdo abordado. Acreditamos que a imagem foi montada⁶ e mesmo com essa direção o fotógrafo não conseguiu passar uma imagem elaborada, feita sob cuidados profissionais e condizentes com a pauta.



⁶ Referimos à inserção dos objetos na composição da foto.

Figura 9: Mãe de um bebê de UTI – Kamila teve *zika* aos três meses de gestação. Hoje sonha com o dia em que Daniel, seu terceiro filho, irá de sapatos para casa. Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.

A fotografia foi construída corretamente no que diz respeito às técnicas. A personagem está em evidência, há profundidade de campo, mas a crítica desfavorável surge na iconologia da foto. Sobre o processo de construção da fotografia, com relação à interpretação iconológica, Boris Kossoy, explica:

O referente – sempre se constitui numa elaboração, no resultado final de um processo criativo, de um modo de ver e compreender especial, de uma visão de mundo particular do fotógrafo; é ele que, na sua mediação, cria/constrói a representação. (KOSSOY, 1999, p. 59)

Nesse aspecto destacamos na décima fotografia, o cenário escolhido, que induz a uma leitura estereotipada sobre a região em que mora a personagem e suas condições sociais. Na foto fica evidente a relação com o ambiente em que a personagem vive. A fotografia mais uma vez não condiz com texto.



Figura 10: Lucicleide (acima) vive a angústia e a dúvida desde a gravidez. Já foram vários diagnósticos para o estado de saúde da filha Evelyn. Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.

A fotografia de número 11 tem um enquadramento adequado que ajuda na leitura. A construção simples e direcionada reforça o drama vivido pela mãe que foi abandonada pelo marido depois do diagnóstico da filha Natália que nasceu com microcefalia. O efeito na iluminação também compõe o quadro dramático. O fotógrafo conseguiu ilustrar adequadamente a pauta.



Figura 11: A agricultora Joseane ainda está em choque com o diagnóstico da filha.
 Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.

As fotografias abaixo ilustram uma matéria sobre o apoio essencial de mães e avós de adolescentes com filhos com microcefalia. Acreditando se tratar de uma foto montada, percebemos na imagem 04, que a falta de iluminação dificulta a leitura. Outro ponto negativo é o descuido com o cenário e a construção da cena que não retratam a pauta da matéria. O jogo de sombras compõe um cenário neutro na quinta fotografia. A personagem está em evidência num enquadramento adequado. A fotografia poderia ser mais criativa explorando o drama da personagem. No geral a foto corresponde às regras e a ao senso comum.



Figura 12: A bisavó Odete Bezerra é o porto seguro de Michele, jovem mãe adolescente de Ryan que nasceu na Paraíba. Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.



Figura 13: Na hora do desespero Pauliana contou com a ajuda da mãe, Ana Paula, que chegou a largar emprego de doméstica para cuidar da neta Agatha. Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.

A fotografia de número catorze foi tirada de ângulo de cima para baixo causando um efeito de inferioridade. Mais uma vez o fotógrafo transfere as condições sociais dos personagens para um local de destaque. Questionamos a escolha do ambiente no qual os personagens estão posicionados, pois não se relaciona com a pauta. Um varal de roupas e uma caixa d'água não ilustram a ação da gestante do subúrbio de Recife, que utiliza o celular na prevenção do vírus.



Figura 14: Katiane, gestante do subúrbio do Recife, usa o alarme do celular para lembrar da aplicação de repelente. Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.

A imagem a seguir compõe o grupo dessa análise. Reforçando o estereótipo de que o Nordeste é apenas uma região seca, árida e miserável, a imagem com uma abundante profundidade de campo induz a essa leitura sobre a região. Assim como nas outras fotografias o fotógrafo, foge da pauta sobre o grande índice de focos de dengue em residências no Nordeste. Falamos em construção por que todo produto fotográfico é feito sobre uma construção do seu criador condicionado por suas cargas psíquicas sociais e instrumentais.



Figura 15: No Brasil mais seco – Caicó, sertão do Rio Grande do Norte, esteve no topo do ranking nacional com maior índice de infestação do *Aedes aegypti* no Brasil. Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.

2.3 Vinícius Denadai

Totalizando um conjunto de cinco imagens, as fotografias de Vinicius Danadai correspondem a duas narrativas fotográficas. A primeira relata o caso de Jaqueline Jéssica Silva, 24 anos, mãe de gêmeos, que tem um dos seus filhos, a menina Laura, diagnosticada com a doença *microcefalia*. O caso é localizado no município de Santos no estado de São Paulo (imagens: 16, 17, 18 e 19). A segunda tem como tema central o mosquito *Aedes aegypti*, no distrito de Brasilândia no estado de São Paulo. O guia dessa narrativa é o caso de Jacivânia Rosa da Cruz, 33 anos, grávida de nove meses.

Na composição fotográfica, o enquadramento é um fator essencial para uma boa leitura. Embora cada fotógrafo tenha uma maneira específica para enquadrar a imagem, a regra dos terços, é um elemento chave para a composição. (ARTEDIGITAL) Nas imagens três, quatro e cinco, o fotógrafo não obedece a essa regra. Dessa forma há ícones que chamam mais atenção do leitor do que o necessário (guarda-roupa; ombro/costa/glúteo; paredes, respectivamente), sem estar relacionado com o tema proposto. Em contrapartida as imagens 16 e 17 seguem a regra. Os objetos estão centralizados e os ícones que relacionam com o tema estão evidência.

Há apenas três planos nas fotografias: plano geral, plano médio e primeiro plano. Nas imagens um e cinco estão em plano geral, na qual o objeto central das fotografias (o bebê; mulher, respectivamente) estão em relacionados com os ambientes. Nesses casos, o fotógrafo localiza para o leitor a situação. São utilizadas para a abertura das reportagens. Já na quarta, foi utilizado o plano médio, priorizado 3/4 do corpo, (da coxa até a cabeça), localizando o leitor, mas sem dar enfoque no ambiente. (ARTEDIGITAL)

Os ângulos utilizados foram dois: O de cima para baixo (na qual o fotógrafo posiciona a câmera acima do objeto fotografado) e normal (na qual o fotógrafo posiciona a câmera na altura dos olhos). Nesse sentido, as imagens 16, 17, 18 e 19 foram utilizadas o ângulo normal, já imagem 01, foi utilizado o ângulo de baixo para cima. (ARTEDIGITAL)

Quanto à profundidade de campo, as fotografias podem ser divididas em dois agrupamentos. As imagens, 16, 17, 18 e 19 possuem pouca profundidade de campo. Isto resulta em uma poluição visual da imagem. Como no enquadramento, os ícones em segundo plano estão em evidência, chamando atenção do leitor ao tema que não é proposto. Já na imagem 04, existe pouca profundidade de campo, ocasionando um desfoque gradual nos ícones em segundo plano. Isto proporciona uma leitura limpa do tema apresentado.

Supomos que na imagem 16 há uma construção do cenário fotográfico, havendo um elemento simbólico que caracteriza esta afirmação, um brinquedo (boneca). Através desse ícone, o fotógrafo tenta reforçar a ideia que o objeto central da fotografia, o bebê, representa o gênero feminino⁷ A distorção se dá pelo fato que este mesmo objeto é destinado às crianças com idade superior a do bebê aqui representado (36 meses). Sendo assim, acreditamos que mesmo pertencendo à família do bebê, esta é colocada em evidência pelo fotógrafo através do seu discurso fotográfico.

⁷Há uma construção nos padrões de gênero, especificando objetos a cada um. Na sociedade brasileira, essa construção de bonecas serem destinadas às mulheres ainda é muito presente nos dias atuais.

O ícone - a barra do berço aparece em desfoque, esse elemento permite uma leitura de separação em quadros. O primeiro quadro (à esquerda) contém a representação da imagem de um ser vivo aqui representado pelo bebê, em contraponto a este, é inserido no outro, o objeto inanimado, a boneca. O lado que o bebê está inserido, a identidade do bebê não é revelada, seu rosto está inverso na imagem, onde o jogo sombra contribuiu para o fortalecimento desta afirmação, neste mesmo quadro há uma desorganização do ambiente. No outro lado, no quadro no qual o brinquedo está presente, há uma total evidência do objeto fotografado. Seu rosto está em destaque na imagem, em contraponto ao outro quadro, está em total harmonia.

As cores utilizadas na imagem também reforçam o sentido aqui. Foram privilegiadas as cores: branco e rosa. Segundo Severino, a imposição do gênero a um produto tem por significado atribuir a imagem de um gênero ao produto por meio da associação com os estereótipos de gênero da sociedade. "Assim, um carrinho é um brinquedo considerado um produto masculino, enquanto que a boneca um brinquedo feminino. Um quarto de criança com mobiliário azul seria "mais adequado" pelas normas da nossa cultura para um menino do que para uma menina (que seria rosa)". (SOUZA; PEREIRA 2012, p.).

Como sequência da narrativa, na segunda imagem o fotógrafo traz para o primeiro plano, um recorte do rosto do bebê e da mãe. Com a intenção de trazer a leitura do expectador para esses ícones, ao realizar o clique, registrou o sorriso da mãe e o bocejo do bebê no mesmo instante. Essas características coadunam com o texto proposto.

Novamente, na terceira imagem o fotógrafo busca através do seu olhar registrar um momento de interação, momento trivial, o banho do bebê. Por sua vez, há uma mistura de cores em que não harmonizam com a composição. Além disso, os ícones parecem terem tomado proporções maiores do que são devido ao ângulo utilizado pelo fotógrafo.

Há dois ícones em primeiro plano, um bebê e uma mulher (de acordo com as análises das narrativas, esta é sua mãe) na quarta fotografia. Em segundo plano com um pequeno desfoque também existe dois ícones que representam uma mulher e um bebê, diferença para tal é o fato que plano em destaque se relaciona com o tema tratado. O fotógrafo explorou bem as cores do ambiente para evidenciar este ícone.



Figura 16



Figura 18

Figura 17



Figura 19

Figuras 16 – 19: Mãe de Laura e Lucas Jaqueline teve de se consolar logo e se adaptar rápido ao diagnóstico de microcefalia da filha.

A imagem vinte possui a mesma temática, mas em uma narrativa diferente. O objeto em primeiro plano está centralizado contextualizando com o tema abordado, essas características são ressaltadas na imagem (o ambiente a qual a mulher se encontra). A desordem do local proporciona a leitura da imagem.



Figura 20: Na maior cidade do país – Jacivânia, grávida da periferia de São Paulo, passou a gestação tensa porque nem sempre a vizinhança protege as lajes do *Aedes aegypti*. Fonte: Diário de Pernambuco, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar no mundo sem fotografia é pensar em outra história. A fotografia interfere nas significações, manipula, representa, traduz o mundo. Se ao longo dos anos, o ato

fotográfico permitiu as mudanças na sociedade, como evidencia Pedro Sousa (2004), atualmente tem reafirmado o seu papel.

Com objetivo de informar, sentimos a necessidade de produzir este trabalho para que haja uma reflexão a cerca do papel da produção fotográfica em relação à construção da imagem a partir do fotógrafo e do público que as recebe.

Embora as fotografias estejam relacionadas com os textos, as narrativas fotográficas destoam da proposta apresentada. Além disso, percebemos que elas contribuíram para uma linguagem estereotipada das representações cujos signos e recursos técnicos reforçam esse papel. Identificamos, pois, que as fotografias carregam a mesma ideia, uma vez que tentam traduzir o tema proposto, *zika vírus*, ainda que tenham sido realizadas por fotógrafos e contextos diferentes.

REFERÊNCIAS

AZOUBEL, D. **FOTOJORNALISMO NA COMPÓS**: análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós Graduação em Comunicação. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/R44-0824-1.pdf>>. Acesso em 28.abr.2016.

FEIJÓ, C, Plano de fotografia para todos. Disponível em: <<http://www.fotografiaparatodos.com.br/fotografia/?p=57>> Acesso em: 01. abril .2016.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

SOUSA, J. **Fotojornalismo Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>>. Acesso em 28.abr.2016.

VITACHI, J.BONI, P. **Londrina revisitada: a fotografia como registro histórico de duas épocas** Londrina, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Vitachi_Jocelia%20Rosa%20da%20Silva.pdf> Acesso em: 22. abril. 2016.

Diário de Pernambuco. Zika vírus uma ameaça mundial. Recife, PE. 2016.